

## **Entrevista com Ivaldo Bertazzo**

**Por Cristiana Felipe Silva<sup>1</sup>**

Há cerca de 40 anos, o educador e coreógrafo paulista Ivaldo Bertazzo, tem viajado à Índia, Indonésia, Tailândia, Vietnã, Irã e vários outros países do mundo, pesquisando rituais de dança para incorporar a pluralidade da cultura gestual ao seu trabalho de reeducação do movimento.

Conhecido por democratizar a arte, criou o conceito Cidadão Dançante, levando ao palco pessoas comuns de diferentes profissões e classes sociais. Com o projeto Dança Comunidade, desenvolveu premiados espetáculos com a Favela da Maré, no Rio de Janeiro e também na periferia de São Paulo, transformando a vida de muitos jovens, alguns hoje já bailarinos e professores.

Autor da trilogia *Corpo vivo*, *Cérebro Ativo* e *Gesto orientado*, reeducação do movimento (SESC SP), Bertazzo mantém a sua Escola do Movimento, em São Paulo, onde conversou com a Revista NURES sobre a corporeidade nas religiões e como a separação mente e corpo afasta o ser humano de sua individuação, do contato com o universo e com o sagrado.

### **De que forma a dança está relacionada com o sagrado?**

Dançar é uma oferenda a Deus, um exercício de humildade e agradecimento de estar numa terra construída por Ele. É uma manifestação expressiva de generosidade e graça manifestada no espaço.

A dança é um legado de nossa cultura, uma etapa evolutiva que reproduz uma relação do homem com o meio ambiente, com a geografia, com as conquistas de muitos hábitos. Há danças mais primitivas em aborígenes, que já possuem recursos gestuais bastante refinados. A questão é: o gesto foi modelando aos poucos um comportamento do homem ou os seus anseios o foram produzindo? Está amalgamado.

Certamente as religiões que entendem o homem como representação do microcosmo vão realmente usar o corpo para entrar numa sensação mais sublime. Há religiões menos corporais e isso é uma perda.

---

<sup>1</sup> Cristiana Felipe é mestrande em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.

Com as evangelizações, os missionários chegavam onde o corpo tinha uma liberdade que ia contra o processo de colonização político, então usava-se muito a religião com rigor. O que nunca deixou de existir em nenhuma religião é a vibração da voz, todas mantiveram o canto.

As diferentes posições do corpo põem em conexão, constróem uma postura e um campo sensorial. A reza é uma atitude de concentração que tem referenciais com alguns espaços internos do corpo, onde eu resido e faço brotar a minha relação com o universo. As posturas de prece de diferentes culturas - ajoelhar, sentar, levantar e voltar - levam a construir uma imagem e uma sensação interna.

### **Qual a relação da corporeidade com o transe?**

O transe é uma perda, não um elo com o divino. O homem não pode desligar o fio terra, ou pode construir muitas patologias. O grau evolutivo é o homem presente e consciente. O xamã paga um preço muito caro por isso. Ele pode ter elo com o divino, mas existem pesquisas que mostram que quanto mais sai do corpo, mais em estado de transe, mais ao retornar alguma doença pode criar. É quase o corpo chamando para não se afastar dele. Por exemplo, o astronauta tem certamente um contato com o sublime. Psiquicamente é um trabalho muito grande que se faz para ele não pirar no céu, porque percebe o sagrado imeditamente e também vai pagar um preço grande quando volta - o distanciamento com a gravidade, com o esqueleto, com os ossos, com o desenho, com a forma.

Existem as sensações de bem estar que não devem te levar nunca fora do seu corpo. Seria maluco pensar que a grande conquista do homem é ele perder o que levou seis milhões de anos para conquistar - a consciência.

### **A dança dos dervishes (da tradição sufi do Islã) seria um transe?**

Não, mas é realmente muito bonito de ver. Eles constroem um eixo absoluto, símbolo mais próximo do centro de um planeta, existe toda uma ciência da posição dos braços, do peso do vestido, da organização do chapéu, para criar um centro no corpo. Tudo para dar a sensação de ele virar o microcosmo, mas não existe transe. Eles têm um estado de consciência integrado com o universo. Se ele parar, já volta imediatamente.

O dervishe quando ele gira, a cabeça está organizada no alinhamento com a coluna, então depende muito de que integração você deseja, do homem consciente presente ou de um homem que se perde no meio do caminho.

Eu presenciei algumas danças como Sang Hyang Dedari (transe em meninas), uma dança em Bali, trata-se de um ritual com incenso e a menina entra em transe oferecendo aos deuses a dança, mas é muito discutível este transe porque leva de dois a três anos aprendendo a dança que é muito complexa, com dedos, torções, giros, expressões, tudo muito complicado fisicamente de ser realizado. Elas dançam em par. Eu tive o privilégio de ver uma única vez até hoje dos 35 anos que eu fui para lá. Elas dançam completamente uníssonas. Mas é diferente, porque que transe é esse que tem organização extrema no dançar?

**A nossa herança cultural platônica, judaico-cristã e cartesiana relegou o corpo a uma posição inferior à mente, quais as perdas nesse processo para o nosso desenvolvimento coletivo e de individuação?**

A relação com o corpo se perde no Ocidente. O homem ocidental entende que um grau maior de espiritualidade é descorporalizado e não existe isso, ao contrário, quanto mais presente ao corpo físico mais entra em conexão com o universo.

Algumas religiões do Cristianismo usam o corpo. Todo monge tem uma relação com a agricultura e com os trabalhos manuais muito forte, então tem um índice grande físico. Só o homem da cidade que se equivoca achando que não existe corpo para entrar numa relação sagrada. Ao mesmo tempo, o judeu tem uma variedade de danças sagradas.

O exercício de aproximar o ser humano ao corpo, nenhuma cultura deixa de ter. A rigidez vem de outros controles sociais, de um controle político social, comportamental onde você manipula, mas nenhuma das religiões, se olharmos a história, deixou de ter corpo. Foram “encaretando”, por interesses. (risos) Se pegamos uma festa jasídica (de um judeu ortodoxo), eles dançam muito. Não dança um ocidental que vai engordando, porque é sedentário. (risos)

Vivemos uma época na qual as pessoas têm dificuldade de se aproximar do corpo. Fazem muita musculação, usam aparelhos de ginástica, isso lhes dá um barato físico. Se faz bem ou mal, se machuca ou não, não é o que estamos discutindo, mas elas tem necessidade disso.

Existem algumas condutas religiosas de não associar o corpo, no entanto, até para uma criança se concentrar e ser menos agressiva em sala de aula, você a faz cantar, tocar instrumento e se exercitar, porque isso a organiza no seu corpo. Por que num rito religioso o corporal tem que ser abolido?

### **A sociedade moderna se afasta do sagrado na medida que polariza corpo e mente?**

O homem sempre perdeu a cabeça. Os mitos que nós conhecemos da separação mente-corpo é uma batalha que vem desde o começo da civilização. Um homem que vive mais próximo da natureza e possui uma religião que fortalece o vínculo dele com o respeito à natureza nunca perde o corpo. Na cidade, se distancia do corpo, porque tem trabalho intelectual sentado.

A questão é o estado vibratório que nós não podemos perder. Um bebê chorando, a mãe intuitivamente pega no colo e corre para balançar, porque assim o corpo vibra. Nas diferentes religiões, os fiéis balançam para rezar, desta forma, vibram o corpo e mexem no seu campo sensorial.

É fácil usar recursos no corpo para trazer sensações. A questão é qual é minha meta, integrar corpo e mente com o universo ou me distanciar disso e entrar em contato com o que?

### **Os humanos precisam mais de toque do que os animais, porque a pele é diferente da pelagem do animal?**

Os animais também se tocam muito, cada um de um jeito. As araras com o bico. Nós necessitamos do estímulo para estar vivos, uma criança que vive em creche sem ser tocada, pode ficar débil, não constrói identidade. Quando sou tocado, percebo a diferença entre o eu e o mundo e começo a existir, isso é muito físico.

A pele é um limite de um continente. Diferentes posturas te dão essas sensações de continente. O homem precisa se colocar em diferentes posições todos os dias, algumas vezes por dia, mas não o faz. Fica muito vaga para ele a sensação do corpo.

### **Como foi a sua experiência na Índia, a espiritualidade oriental de alguma forma o ajudou a elaborar suas coreografias?**

Em minhas viagens, percebi que a dança era gratidão. Eram oferecidas no templo aos deuses. A roupa do dançarino, a construção arquitetônica dos gestos tem a sabedoria. A vibração do jeito como é tocado o instrumento. Tudo construído dentro de leis de geometria vai dando vibração ao divino. Apliquei muito esta geometria para o homem ter consciencia do corpo e de onde vive. A dança ajuda na compreensão do coletivo e do eu.

No templo Ruemptec, em Gangtok, em Sikkin, estado da India, fronteira com o Tibet, fui participar de uma reza budista-tibetana que começava às 4h30 da manhã, com duas horas de duração. Era muito frio e eu mesmo tentando me mexer, esfregar as mãos durante a reza saí roxo, mãos e pés congelados, mas na saída os monges saiam todos sorridentes mesmo tendo ficado esse tempo todo imóveis. A recitação do sutra parecia um zumbido, o mesmo barulho produzido por uma usina hidrelétrica. Eu imagino que aquilo tinha o propósito de estalar o osso. (risos) Como os monges conseguiam e não explodiam cantando? Fui entender quando lá fora vi as crianças de 6 anos de idade treinados para serem futuros monges, eles brincavam com bastões, com um mestre ensinando e faziam isso diariamente e depois iam para a agricultura.

Parece que eles só entram em contato com o sagrado via intelecto, porque lêem muito os sutras, mas os monges tem um super corpo - costelas e ombros largos, imensa estrutura física que lhes permite ficar num estado absoluto mais tempo. Quanto menos corpo trabalhado, mais esquizofrênico. (risos) Claro, que estes são apenas raciocínios um pouco radicais meus, mas o conceito é que o corpo e o seu movimento é uma ponte para o psiquismo e o espiritual, sem isso não vai.

**Em muitas religiões a dança é sagrada e aparece associada às divindades enquanto outras é considerada profana. Na sua percepção de que forma as religiões trabalham a corporeidade e a memória corporal?**

As religiões que integram a dança com a aproximação com o divino entendem que o homem tem os arquétipos. Tem a força do guerreiro e a da feminilidade, opostos importantes. A força da relação com a água, chuva, atmosfera, a força da gravidade que te empurra para o chão. Todos esses arquétipos constroem a estrutura do divino que chega a um estado de ser único onipresente e onisciente.

Nas religiões que não associam ritos com o corpo há um empobrecimento em entender a condição do homem no universo, de ter respeito às estações do ano, às diferentes etapas da vida e como eu construo um digno envelhecimento sem degenerar.

A partir dos 60 anos, corremos o risco do alcoolismo, depressão, perda das funções vitais. Quanto mais velho, mais tenho que cantar, maior a necessidade de usar as mãos, é neurológico. Há religiões que têm sabedoria de manter o homem presente à vida e não morrendo.

**Nos povos mais primitivos, o movimento era natural e a dança estava em todas as importantes cerimônia e ritos de passagem, a sociedade ocidental hoje é carente de mitos e ritos?**

Sim. Hoje quem pode trazer um pouco disso é o educador, o professor. As aulas de religião deveriam ser plurais para entender os aspectos positivos que fortalecem cada civilização de cada religião. Onde essa capacidade de entender que ao mesmo tempo o homem único é o mesmo no mundo todo, poder explicar o budismo, o cristianismo, o islamismo, o xintoísmo, o xamanismo, o animismo para uma criança entender como e porque caminhos cada cultura fez a sua direção ao sagrado. Para a criança é importante, porque existe o medo da morte, tem que ter contato com algo mais amplo, mais sublime.

Essa liberdade não temos. Escola com tendência religiosa não vai ensinar as diferentes possibilidades do mundo, e levá-las aos cantos, aos gestos de outra.

A globalização tem um lado positivo, que é entender as diferentes formas do homem visualizar o universo, mas isso não é usado no ensino.

**Por que os homens são estimulados a se afastarem da dança se o ser humano se desenvolveu com ela e por que o adulto restringe cada vez mais seus limites psicológicos e físicos, dificultando os movimentos?**

Aparentemente o homem pode trazer mais bloqueio que a mulher para a dança, mas o educador precisa deixar claro que dançar é, antes de mais nada, exercitar a psicomotricidade, que traz mais raciocínio, diferenciação, equilíbrio corporal e emocional.

Dançar não é se chacoalhar numa festa onde estou bêbado. É exercício de coordenação motora que exige equilíbrio. Quando se expõe isso ao homem, ele desmancha o preconceito, porque percebe que ali existem mais complexidades, um exercício de inteligência civilizatório. Dançar não é se coçar, não é espasmo, é organizar corpo e mente e a repetição traz uma energia muito particular. Ao mesmo tempo, há mulheres que muito cedo perdem isso, o corpo vai engrossando o caldo e ficam com cara de tia muito cedo, porque não dançam.

Agora, existem também as grandes caminhadas como a Santiago de Compostela que o homem consegue um grau de percepção corporal e a mente vai limpando, então também existe essa forma de encontro com o divino.

O homem e a mulher têm que entender a sua essência na dança como procura individual. A dança de casal é social, é acasalamento, é um exercício de comunicação. O sagrado é o contato com o self, com o eu, é uma viagem individual.

**Você tem uma biblioteca no seu espaço, com livros de várias partes do mundo, trazidos de suas viagens. Que tipo de leituras inspiram o seu trabalho?**

Muitos, mas principalmente o mitólogo Joseph Campbell, o psiquiatra Carl Jung e o historiador e filósofo, Mircea Eliade.

## Referências

- CAMPBELL, Joseph. O poder do mito. São Paulo. Editora Palas Athena, 1991.  
\_\_\_\_\_.O herói de mil faces. São Paulo. Editora Pensamento, 1995.
- JUNG, Carl. Os arquétipos e o inconsciente coletivo. Rio de Janeiro. Editora Vozes, 2000.
- ELIADE, Mircea. O sagrado e o profano. São Paulo. Martins Fontes, 1992.  
\_\_\_\_\_.Dicionário das religiões. São Paulo. Martins Fontes, 1995.
- BERTAZZO, Ivaldo. Corpo Vivo. São Paulo. Edições SESC SP, 2010.  
\_\_\_\_\_.Cérebro Ativo. São Paulo. Edições SESC SP, 2012.  
\_\_\_\_\_.Gesto Orientado, reeducação do movimento. São Paulo. Edições SESC SP, 2014.